

URB MOVRS P/A

# SE LIGA NO Sinal

Informativo do CEPEL - Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina  
Ano 7/ Número 35 - Abr/Mai/Jun 98

CPV  
29 JUL 1998  
Setor de Documentação



## Baía de Guanabara : despolição sem participação

3



## o TREM DA LEOPOLDINA: o INTERESSE PÚBLICO FORA DOS TRILHOS

4/5

## Entrevista: D. Creuza contra os males da vida

7

### SE LIGA NO Sinalzinho

PARA LER E CURTIR  
Para meninos e meninas  
Nº 18 - ENCARTE

SE  
LIGA  
NO  
**SITAL**

SISTEMA DE  
INFORMAÇÕES A  
NÍVEL LOCAL

JORNAL TRIMESTRAL  
PUBLICADO PELO  
CEPEL - CENTRO DE  
ESTUDOS E  
PESQUISAS DA  
LEOPOLDINA, ENTIDA-  
DE SEM FINS LUCRATI-  
VOS PARA ASSESSO-  
RIA AOS MOVIMENTOS  
DA REGIÃO DA  
LEOPOLDINA

COMISSÃO  
EDITORIAL

Cristina M. (Kta) Eitler  
Homero T. de Carvalho  
Marize Bastos da Cunha  
Victor Vincent Vaila

COLABORARAM  
NESTA EDIÇÃO

Denise Oliveira  
Márcio L. Ranauro  
Norton Ribeiro  
Ricardo P.C.R. de Souza

ESTAGIÁRIO

Faculdade de Jornalismo UFF  
Antonio Stotz

APOIO

ADMINISTRATIVO  
Adilson S. Guimarães

JORNALISTA  
RESPONSÁVEL

Homero T. de Carvalho  
(Mb 1127/05/85v -PR)

COORDENAÇÃO DE  
PRODUÇÃO

Kita Eitler

PROJETO GRÁFICO

Caco Chagas  
Kita Eitler

EDITORIAÇÃO  
ELETRÔNICA

Edson Sampalo  
Kita Eitler

CAPA

Kita Eitler

APOIO

KFS  
JUVENTUDE CATÓLICA  
AUSTRIACA  
FASE  
ENSP/FIOCRUZ

O CEPEL autoriza  
reprodução total ou parcial  
dos artigos deste jornal,  
bem como sua utilização  
para fins educativos.  
Solicitamos citação da  
fonte e o envio de cópia em  
caso de publicação.



EDITORIAL

## Rompendo o impasse: Os saques como resposta aos governos que não negociam

*Ação da população escancara as razões do aumento da pobreza brasileira.*

Segundo especialistas e pesquisadores em agricultura, o governo federal e os governos estaduais do Nordeste já sabiam em 1997 da seca atual e de suas conseqüências: desemprego e fome para uma grande parte da população daquela região. Porque não fizeram algo antes?

Provavelmente, a razão está na política econômica do governo federal que estabelece juros altos de qualquer empréstimo para quem quer investir na indústria ou na agricultura. Os juros altos são mantidos para atrair capitais estrangeiros ao Brasil, isto é, capitais atrás de lucros fáceis proporcionados, justamente, pelos juros altos. Os juros altos, que beneficiam os capitais estrangeiros, são os mesmos que causam desemprego estrutural, o que significa que quando alguém é mandado embora do emprego, sua vaga é eliminada, e não preenchida por outro. Assim, cresce o número de brasileiros que não conseguem achar emprego, mesmo que a vontade de trabalhar seja grande.

De uma forma ou outra, a população brasileira pobre vem dizendo para o governo que não dá mais para suportar, que está com fome, que quer trabalhar, que os seus filhos estão ficando doentes por causa da fome. Quando o governo se recusa a negociar, os pobres têm que agir para garantir sua sobrevivência.

Praticar saque de armazém ou supermercado é uma

tradição antiga no Brasil, pois a fome é também antiga. Todo saque é um saque planejado, organizado. É inimaginável um saque em que alguém invada um armazém sozinho para levar comida. É claro que o dono chamaria a polícia.

No início do mês de junho até em São Paulo, onde não há seca, mas há desemprego, a ameaça de uma saque ofereceu uma cena até pedagógica. A população pobre cercou o supermercado, ameaçando praticar o saque. Simbolicamente, os pobres estavam pedindo ao governo emprego e comida. Já imaginou a seguinte cena: os pobres, numa fila, de forma pacífica, solicitando comida ao dono do supermercado? Certamente, este chamaria a polícia. Mas, com a ameaça do saque, os funcionários receberam a instrução de distribuir aos famintos sanduíches de mortadela. E não houve saque, prova da boa vontade dos "sem comida".

Por fim, quem está levando comida em saque, certamente está precisando mais do que apenas arroz e feijão. O fato de estar levando outras coisas (eletrodomésticos, brinquedos) pode estar indicando que a comida é fundamental, mas, em curto prazo, resolve pouco a vida destes famintos e suas famílias. Querem também que seus filhos estudem em boas escolas, que suas casas sejam confortáveis - tudo o que o trabalho justamente remunerado poderia propiciar. Até férias uma vez ao ano.



No dia 9 de maio, o CEPEL esteve na Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (Rua Leopoldina Rego, 924) acompanhando o Seminário "Cidadania: Exercício da Democracia", realizado pela Assessoria de Comunicação da entidade, que tem à frente o Missionário Estephano Saad. O

Seminário, que faz parte das comemorações dos 32 anos de existência da Igreja, contou com a participação de representantes de diferentes entidades das áreas da saúde, assistência social e educação.

Uma grande festa no Social Ramos Clube, regada pelo chorinho de Pixinguinha, marcou o lançamento do CD "Hinários Cívicos" no dia 29 de abril, comemorando o 111º aniversário de Ramos e o centenário de nascimento do maestro. Neste CD, estão registrados o Hino Nacional, a canção Carinhoso, o Hino de Ramos (composto por Pixinguinha), o Hino à Bandeira, o Hino à República e Cidade Maravilhosa. A idéia da produção do CD partiu do historiador do bairro de Ramos, Sr João Lima que contou com a ajuda de Regina Gaglianone - diretora da Biblioteca Popular de Olaria e Ramos. A distribuição do CD é direcionada às escolas públicas da Leopoldina.

No dia 30 de maio foi realizado no Bar Palácio, no Catete, o lançamento do livro "Guia do Bem-Estar - Um Trabalho de Esperança", do grupo Sementinha Serviços Comunitários. A obra reúne o receituário de medicamentos e chás naturais produzidos pelo grupo ao longo de muitos anos de trabalho junto à população da Leopoldina. Esse primeiro lançamento contou com o apoio do CEPEL, e juntou amigos e pessoas interessadas na produção do grupo, transformando o evento num sucesso. O grupo foi convidado para realizar outro lançamento na cidade de Angra dos Reis no dia 26 de junho. Também está nos planos do grupo o lançamento do livro na região da Leopoldina. Aguardem. Para os interessados o livro se encontra à venda no CEPEL (Tel.: 590 1998).

Além das várias atividades que desenvolve, há alguns meses a Igreja Presbiteriana do Parque Proletário da Penha promove o curso TELECURSO 2000, em convênio com a Secretaria Especial de Trabalho do Município do Rio de Janeiro e com o Movimento Viva Rio. No dia 07 de maio, ela foi palco de uma feira de cultura organizada pelos alunos de primeiro grau do Telecurso 2000 Comunidade e pelo orientador Rodrigo Pena. Os alunos expuseram seus trabalhos de História, recebendo a visita de amigos e parentes.



# DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DA GUANABARA <sup>3</sup>

## Uma proposta para a saúde pública

*Entidades da sociedade civil mobilizam-se pela ampliação do programa*

Marcio Lima Ranauro

Em 23 de maio, na sede do Sindicato dos Bancários no Rio, foi realizada pela Comissão de Meio Ambiente da CUT/RJ um debate que reuniu ambientalistas, sindicatos, instituições e o movimento comunitário para juntos definirem prioridades e propostas de participação popular junto ao Programa de Despoluição da Baía da Guanabara - PDBG.

O governo, que deveria ser o principal participante do encontro, não teve interesse em mandar nenhum representante para discutir o programa com a sociedade civil. Com isso, as entidades presentes levantaram propostas que em conjunto buscam maior participação social com o PDBG, para que este deixe de ser um simples projeto de saneamento e se torne um verdadeiro projeto ambiental.

De acordo com os ambientalistas, o PDBG como projeto de saneamento conseguirá reduzir apenas 30% dos resíduos lançados na Baía, além de não contemplar a recuperação ambiental e o enfrentamento da poluição causada pelas 14.000 indústrias instaladas ao redor da Baía. Eles se queixam também do fato do Programa não ter um plano de revitalização da pesca, e que este ano ainda não houve nenhuma reunião entre o estado, os municípios e a sociedade.

A maior reivindicação das instituições presentes é a participação da sociedade civil nestas reuniões para definição das prioridades do programa. Afinal, já foram investidos 1 milhão de dólares em obras.

Para os moradores da Leopoldina a história ainda é triste. Sem a despoluição da Baía a região não verá sua única praia - Ramos - em condições adequadas para banho. Ao contrário do que possa parecer, esta não é uma questão sem importância com a Baía poluída, além da cidade perder um

pouco do seu encanto, a população sofre o risco constante de problemas de saúde. Portanto, o retorno do uso da água da Baía pela população indicará condições adequadas de saúde pública.

Na reunião no Sindicato dos Bancários estiveram presentes o IBASE, CUT, APEDEMA, Ecocidade, GRUDE, Aquariana, Movimento Baía Viva, os Verdes, MST, sindicatos, associações de moradores e o CEPEL. Mais uma vez, o governo, que é reponsável pelo Programa de Despoluição da Baía da Guanabara, foi o grande ausente.

*O PDBG deve ser um verdadeiro projeto ambiental e não apenas de saneamento*

## Fórum Popular do Orçamento do Rio de Janeiro

Participação da sociedade na definição de prioridades e controle do gasto público

*Acreditando estar contribuindo para melhorar a qualidade da informação sobre o processo orçamentário no município do Rio de Janeiro, o CEPEL estará a partir desse número divulgando um pouco do trabalho do Fórum Popular do Orçamento. O Fórum é uma organização que reúne os mais diferentes setores da sociedade carioca em torno de um objetivo comum: democratizar o orçamento. Criado no final de 1995, o Fórum teve participação decisiva no processo de discussão dos orçamentos de 96 e 97. Com o objetivo de promover o controle social sobre o orçamento municipal, o CEPEL vem participando desse grupo e colaborando para que tenhamos uma maior transparência da verba pública utilizada por nossos governantes.*

*Durante o ano de 1998, o trabalho do Fórum vem se caracterizando por um acompanhamento constante do processo orçamentário. Procuraremos então, elucidar algumas questões que nem sempre são divulgadas na grande imprensa, mas que através da atuação do Fórum lentamente vão chegando ao conhecimento do cidadão carioca.*



### DESCASO

Em 1996, por iniciativa da Câmara Municipal, foi incluído no orçamento de 1997 um novo Programa de Trabalho (PT nº 1803.13754283.046) no Fundo Municipal de Saúde destinado a MODERNIZAÇÃO E REEQUIPAMENTO DE UNIDADES DE TRATAMENTO INTENSIVO (UTI) NEONATAL com dotação de R\$ 1.029.500,00. No primeiro semestre do exercício financeiro foram cancelados R\$ 400.000,00 através do dispositivo do remanejamento, que permite ao prefeito

interferir sobre a destinação dos recursos públicos para as finalidades previstas no orçamento aprovado pela Câmara Municipal. Até o final do ano passado não foi constatada nenhuma execução orçamentária deste Programa. No início deste ano, dezenas de bebês morreram em hospitais municipais por falta de assepsia e pessoal, situação agravada pela superlotação. Independentemente da discussão sobre a responsabilidade dos governos estadual e federal, a não-execução do Programa de Trabalho das UTIs Neonatal proposto em 1996 teve consequência direta sobre as mortes.



### REMANEJAMENTO

A prefeitura carioca apresentou Projeto de Lei nº 678/98 onde propõe o deslocamento de R\$ 2.231.000,00 do pagamento da dívida em favor de 70 projetos culturais (?) do Instituto de Arte e Cultura - Rioarte. O fim da autorização prévia pra remanejamentos proporciona discussões como esta. Até aí nada demais. Mas cabe questionar: foi mal estimado o pagamento da dívida? E que projetos são estes? Será possível a reedição do polêmico *réveillon* de 96?

Se você quiser participar e emitir sua opinião sobre o orçamento carioca, as reuniões do FÓRUM POPULAR DO ORÇAMENTO acontecem sempre às quintas-feiras, às 17 horas no Corecon (Conselho Regional de Economia), Av. Rio Branco nº 109, 19º andar Centro. As reuniões são abertas a participação de qualquer cidadão.



# ESTRADA DE FERRO DA LEOPOLDINA:

## as soluções da população e ação dos ferroviários para evitar o fim da linha

*Privatização pode ser o golpe final na linha de trem que deu nome à região.*

Antonio Monteiro Stotz / Marcio Lima Ranauro

A Estrada de Ferro da Leopoldina foi construída em 1886 e hoje compreende as estações de Barão de Mauá, conhecida como Estação da Leopoldina, São Cristóvão, Triagem, Circular, Brás de Pina, Cordovil, Parada de Lucas e município de Duque de Caxias.

A linha da Leopoldina, assim como outras, foi planejada para que fosse possível o escoamento de produtos. Desde a sua inauguração, a linha férrea não visou atender a população, visto que a ocupação da área que

com o posterior crescimento industrial do Rio de Janeiro, facilitado em muito pela própria áreas antes desabitadas, que passaram a ser chamadas de subúrbios, por se localizarem longe do centro públicos. Essas pessoas acabaram por se estabelecer perto da transversalmente à ela. Deste modo, foram nascendo os bairros colados às estações do trem.

A partir dos anos trinta o trem passou a ser cada vez mais utilizado pela população, que havia afastando-se do centro da cidade. transportado de massa.

Ainda assim, o transporte ferroviário nunca foi considerado prioridade pelos sucessivos governos, que não investiram e não investem o necessário neste setor, provocando o abandono de praticamente toda a malha ferroviária brasileira. Mesmo sendo a opção mais racional de locomoção em cidades de grande porte o trem foi perdendo importância em relação ao transporte rodoviário, Kubistchek (1955-1959), que representou uma guinada a favor da adoção da rodovia como meio de escoamento da produção e do ônibus como principal meio de transporte urbano. O abandono das ferrovias ficou patente a partir da adoção desta opção de desenvolvimento do país.

### Sucateamento:

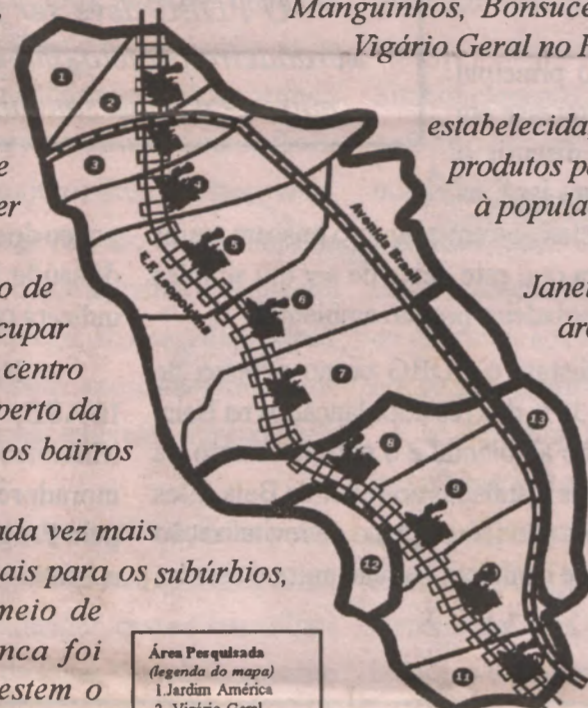
#### o resultado da política de governo para o trem

Com a ampliação da política de transporte rodoviário, o governo deixou de investir em reformas e melhorias nas condições dos trens e das estações, causando uma transferência forçada cada vez mais acelerada dos usuários de trens para os ônibus. Com isso houve uma queda na arrecadação de recursos pela venda de passagens e uma diminuição de repasse de verbas, proporcionando um sucateamento geral de toda a linha ferroviária.

Na linha da Leopoldina, que vai da Estação Barão de Mauá até Gramacho, a situação é uma das piores - só não tão grave quanto Belfort Roxo e Japeri. Com trens circulando de 30 em 30 minutos, suas composições no período do rush ficam super lotadas, o que aumenta o número de 'surfistas' e de atrasos no horário de trabalho.

Com a demissão de mais de 2.500 empregados no fim da década de 80, todas as estações perderam muito pessoal. De acordo com um funcionário da estação da Penha, hoje não há segurança contratada fazendo o policiamento diário, o que ocasionou um aumento do número de invasões nas estações, proporcionando mais assaltos e quebra-quebras.

Em geral, as estações da Leopoldina encontram-se em estado precário. As exceções são as estações de Manginhos, Parada de Lucas e



- Áreas Parquetadas (segundo o mapa)
1. Jardim América
  2. Vigário Geral
  3. Parada de Lucas
  4. Cordovil
  5. Brás de Pina
  6. Penha Circular
  7. Penha
  8. Olaria
  9. Ramos
  10. Bonsucesso
  11. Manginhos
  12. Complexo do Alemão
  13. Complexo da Maré

estabelecida, atravessando o município do Rio de Janeiro, facilitado em muito pela própria áreas antes desabitadas, que passaram a ser chamadas de subúrbios, por se localizarem longe do centro públicos. Essas pessoas acabaram por se estabelecer perto da transversalmente à ela. Deste modo, foram nascendo os bairros colados às estações do trem.

A partir dos anos trinta o trem passou a ser cada vez mais utilizado pela população, que havia afastando-se do centro da cidade. transportado de massa.

Ainda assim, o transporte ferroviário nunca foi considerado prioridade pelos sucessivos governos, que não investiram e não investem o necessário neste setor, provocando o abandono de praticamente toda a malha ferroviária brasileira. Mesmo sendo a opção mais racional de locomoção em cidades de grande porte o trem foi perdendo importância em relação ao transporte rodoviário, Kubistchek (1955-1959), que representou uma guinada a favor da adoção da rodovia como meio de escoamento da produção e do ônibus como principal meio de transporte urbano. O abandono das ferrovias ficou patente a partir da adoção desta opção de desenvolvimento do país.

Duque de Caxias, que estão recebendo reformas gerais com verba do governo federal, somada a um empréstimo do BID. Todas as outras estações tem problemas de estrutura como: sinalização, policiamento, rádios, rede telefônica, invasão de passageiros, limpeza, falta de funcionários e outros que qualquer passageiro, mesmo desatento, pode perceber claramente.

#### A solução popular para o abandono das estações

As passagens subterrâneas das estações são um claro exemplo da omissão do poder público na questão da preservação e gerenciamento da malha ferroviária carioca. Mas se você passar por eles vai perceber que estão todos limpos, iluminados e secos. Como? A presença de camelôs é a resposta. São eles, seja ajudando os empregados da Flumitrens ou mesmo por conta própria, que cuidam dos popularmente chamados "buracos".

Alguns trabalham há mais de vinte anos nas passagens, como é o caso de Severina R. da Silva, que vende relógios no "buraco" da Penha e viu seu filho crescer por lá. "Ele ficava engatinhando no meio dos ferros das barracas e hoje trabalha aqui comigo", conta. O interessante é que a

população é completamente a favor desse tipo de atividade, que torna o espaço mais seguro para todos. Severina diz que uma vez todos os camelôs foram expulsos de lá, "mas o povo fez um abaixo-assinado e exigiu que a gente voltasse. Nós damos mais segurança para todo mundo".

São os camelôs que fazem a limpeza (às vezes, duas vezes por dia), providenciam o conserto das bombas, que evitam o alagamento do "buraco", instalam lâmpadas e até dão segurança ao local.

O benefício que a presença dos vendedores traz às passagens subterrâneas das estações foi demonstrado em pesquisa realizada pelo grupo de história e pedagogia de 1997 da SUAM, orientado pela professora Therezinha M. Engelke. Os alunos constataram que no "buraco" de Bonsucesso um segurança contratado pelos vendedores cuida do local. Seu Raimundo, que trabalha no "buraco" de Olaria é quem diz: "Tem gente que só passa quando a gente tá aqui". Ele contou que, num final de semana em que não estava lá, puseram uma bomba em um buraco na parede, que acabou explodindo no rosto de um rapaz que passava no local. "Quer dizer, a gente dá segurança pras pessoas".



próprios

### Privatização: o boi na linha da Flumitrens

A população do Rio de Janeiro já pode constatar que nenhuma privatização trouxe melhorias - estão aí os transtornos causados pela Light, Cerj e outras. Tudo indica que com a Flumitrens, que inclui a Central do Brasil, não vai ser diferente.

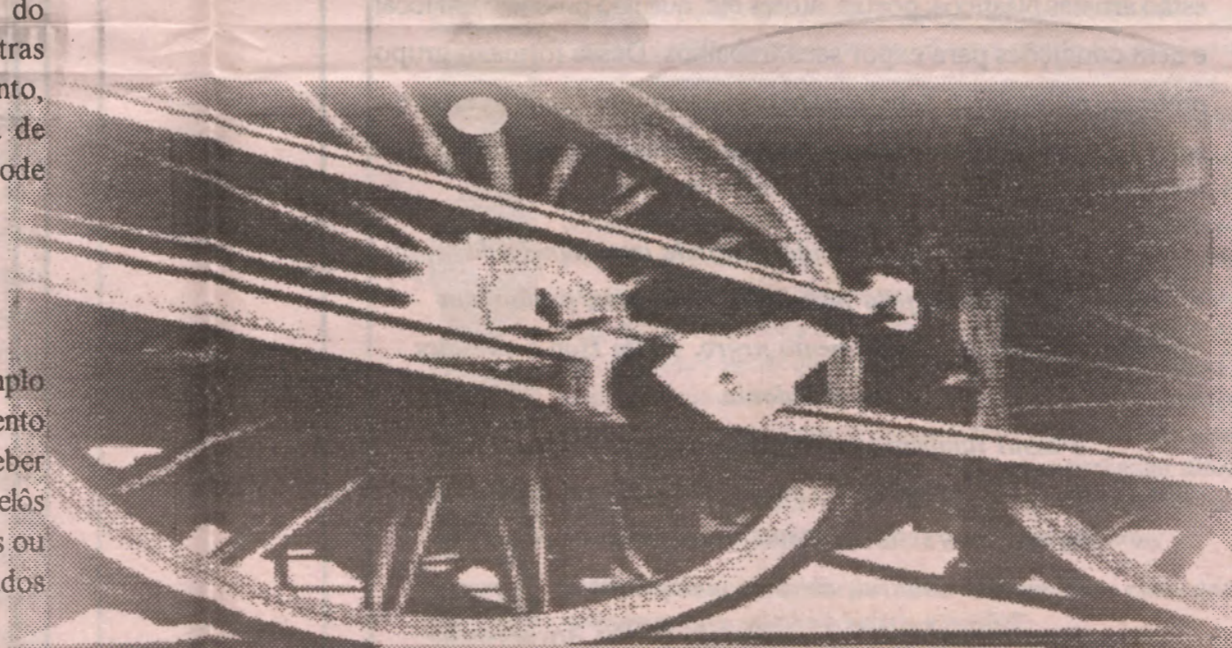
O governo, que deveria cuidar dos transportes ferroviários como serviço público essencial, preferiu o descaso, e com o sucateamento de toda a rede agora pretende concedê-la a preço de banana ao capital privado durante 25 anos. O mais grave é que com o dinheiro público muitos investimentos que já deveriam ser feitos serão utilizados pela concessionária. Por exemplo: de acordo com o Sindicato dos Ferroviários, no caso de demissão de funcionários, o governo se responsabilizará pelos encargos, mesmo com a empresa já privatizada.

E é mesmo arriscado dizer que o transporte ferroviário irá melhorar. De acordo com o edital de concessão da Flumitrens, o grupo que se responsabilizar por esse transporte poderá extinguir estações e adotar políticas diferenciadas de preço de passagens. Para o usuário da Leopoldina algumas estações poderão ser desativadas, como a Penha Circular, que poderá deixar de existir porque é próxima à estação da Penha.

O jornal O GLOBO do dia 21 de maio, noticia que técnicos da própria empresa denunciaram a subavaliação do preço do leilão da Flumitrens: "O grupo que vencer o leilão da Flumitrens pode ganhar um presente extra: a isenção de ICMS nas passagens e importações de equipamentos e peças sem similar nacional por um prazo de cinco anos."

Outra preocupação apontada por membros do Sindicato dos Ferroviários é o fato de que, se a concessionária vencedora do leilão estiver ligada ao setor rodoviário a política de transportes urbanos poderá não ser a favor do usuário, e sim do capital privado. Neste caso, o trem passará a ser definitivamente secundário em relação aos ônibus, contrariando qualquer lógica de planejamento de transporte de uma cidade do porte do Rio de Janeiro.

Para enfrentar todos esses riscos, o Sindicato dos Ferroviários não está parado: no dia 2 de junho entrou em greve contra a privatização, que estava marcada para o dia seguinte. Com a paralisação, o leilão foi adiado para o dia 19 de junho. Os trabalhadores ferroviários poderão ser as primeiras vítimas da privatização da Flumitrens, pois o processo de demissão em massa já é uma certeza com os novos "donos". Vide a privatização da Light, Cerj...



**2.500 ferroviários foram demitidos no final dos anos 80**



6

## RAP, CULTURA E CIDADANIA: A PROPOSTA DO "VOZ ATIVA"

Grupo cultural trabalha pelo direito de expressão da comunidade

Denise Oliveira e Norton Ribeiro

*O Cepel esteve no último dia 26 de maio fazendo contatos com mais um grupo organizado e de boa expressão cultural na Leopoldina. E nessa caminhada para tentarmos visualizar e dar uma certa clareza na grande Rede de Solidariedade na região, nos encontramos com o grupo Voz Ativa que atua no Complexo da Maré - Vila do João. Depois de uma conversa bem interessante com Marlene, a presidente do grupo, você, leitor do Sinal, poderá saber agora como o grupo pretende mostrar e apoiar manifestações culturais de toda população da região.*

O Voz Ativa começou seu trabalho em 1995 envolvido com um estilo musical americano que procurava traduzir o sofrimento e a

Sede do Voz Ativa/ Vila do João



discriminação da população negra dos Estados Unidos, e que no Brasil encontrou muitos adeptos principalmente entre os jovens pobres moradores de favelas. Essa concepção musical é chamada de RAP, que em inglês quer dizer Ritmo e Poesia e dessa forma, os Rappers vem, cada vez, mais expondo à sociedade a situação de miséria e violência pela qual passam aqueles que são excluídos e alvos do preconceito. Através de letras fortes e politizadas, os Rappers tornaram-se cronistas de sua realidade propondo uma verdadeira transformação social.

*"O Hip Hop não levanta uma bandeira com relação aos problemas sociais, e sim luta por uma questão de sobrevivência".*

A relação do grupo com a comunidade do Complexo da Maré ainda é recente. Mas, na cidade, o Voz Ativa já promoveu congressos e seminários procurando se fortalecer internamente como organização não-governamental, já que sua estrutura ainda não permite uma maior presença na comunidade. A falta de espaço físico para o desenvolvimento de trabalhos como oficinas e cursos, ainda é um problema. Mesmo assim, o grupo está iniciando uma oficina de teatro no local.

A proposta concebida pelo Voz Ativa é de apoiar manifestações culturais de um modo geral, principalmente o RAP no qual acreditam como movimento de manifestação político-cultural de

massa que convida à mobilização. Além da mudança da realidade, os Rappers têm uma consciência maior de seus objetivos: Um outro ponto da sua proposta é o trabalho em áreas de crise onde a criminalidade e a violência sufocam a população, que por sua vez não encontra na mídia espaço para apresentar sua expressão cultural.

A vontade do Voz Ativa de promover eventos e de se tornar um espaço de referência para atividades culturais na região é grande, e também possível se tiver apoio. Um exemplo disto aconteceu logo no início de sua formação, quando o grupo organizou um show de RAP na Vila do João com mais de três mil pessoas com muita música e sem nenhum tipo de conflito. Na verdade, foi este o fato que deu início ao grupo.

*"Trabalhar com cultura é mais complicado do que com saúde ou qualquer outra coisa na hora de conseguir patrocinador. E assim, torna-se difícil vender a idéia já que a cultura não dá lucro. Principalmente no caso do Hip Hop que trabalha a questão política" diz Marlene.*

Atualmente o grupo está tentando uma ampliação do seu centro cultural para apoiar todos os tipos de manifestação. Dentre estes estão artistas plásticos, poetas, atores etc. que não possuem um local e nem condições para expor seus trabalhos. Dessa forma, o grupo pretende estimular o debate entre esta juventude ligada às artes e a sociedade, tornando-o mais produtivo e interessante para todos.

*O Voz Ativa entende a grande importância da informação gerada pela população e por isso, produz um fanzine que discute o movimento negro, o Hip Hop e questões de cidadania.*

*Possui também um programa na rádio Progressiva FM (91,3), o Voz Ativa: Hip Hop na veia, que vai ao ar todos os sábados, das 15:30 às 17:00h, abordando questões do mundo cultural, além de muita música.*

*Para contatos, este é o endereço do Voz Ativa: Av. do Canal 2, 732 - Complexo da Maré - Vila do João  
Tel. 560-1943 (Ramal 381)*

## ENTREVISTA

**D. Creuza: a solidariedade como remédio**

Kita Eitler

Com esta entrevista, o Sinal dá continuidade à série comemorativa dos dez anos do CEPEL, publicando o depoimento de personagens com longa trajetória pública de dedicação à Leopoldina. A entrevista desta edição é com Creuza da Costa Veríssimo, a Dona Creuza, agente de saúde comunitária que atua no "Grupo de Serviços Comunitários Sementinha". Casada, três filhos, ela conhece bem as mazelas e as mudanças ocorridas na Leopoldina, pois é moradora da região desde 1947.

**Sinal - Fale um pouco da sua vinda para a Leopoldina.**

Dona Creuza - Quando vim do Nordeste para cá, em 47, eu vim solteira, para trabalhar, porque lá estava muito ruim. Lá tem uma época que fica bom, quando chove, mas nessa época estava muito ruim. Chegando aqui, fui trabalhar em São Cristóvão em casa de família. Estava solteira, e quando casei fui morar no Maracanã. Tinha uma favela no Maracanã que chamava favela do Esqueleto e fomos morar lá. Agora essa favela não existe mais, é onde fica a Uerj. Em 54, quando Getúlio Vargas morreu, eu vim morar aqui na Leopoldina, em Olaria. Tinha poucos barracos, pouco movimento, diferente de agora, quando vem muita gente de fora procurando moradia.

**S. - Por que a Senhora escolheu a Leopoldina? Conhecia alguém que morava aqui?**

D. C. - Não conhecia ninguém. Lá no Maracanã, no Esqueleto, tinha muita violência e eles começaram a matar nas portas da gente e, então, o José, que é meu marido, ficou apavorado. Conversando com as pessoas, disseram que tinha aqui na Merendiba, onde nós moramos agora, um barraco para vender. Então ele veio para ver o barraco e comprou. Pagávamos a um homem chamado Loló, que se dizia dono, e ele dava recibo. Quando veio essa lei de uso capião, adquirimos o direito de morar, o terreno não é nosso, mas a gente tem o direito de morar. Até hoje o terreno não é nosso, mas pelo direito é nosso.

As pessoas começaram a vir para o Rio procurar as favelas e elas foram enchendo, enchendo, até ficar como está hoje, tem muito barraco. Aí foi proibido fazer barraco de tábuas, o nosso era de tábuas, e com muito sacrifício fizemos de alvenaria. Tem 18 anos que foi feito, foi começado e ainda não terminou porque ninguém tem recurso para fazer. Sempre ganhando salário muito mínimo, salário de pressão alta, e por isso não tivemos condição de fazer e até hoje a casa não tem piso. Quando nós mudamos para cá, em Olaria, a situação era melhor do que agora, mesmo com as pessoas ganhando pouco. Era o tempo do cruzeiro, mas se conformavam com aquele pouco. Agora, ninguém vive conformado de ganhar pouco e de viver com o salário mínimo. Mas o pouco de hoje, é menos do que o de antes. Porque a gente tem que se conformar; hoje não tem mais a classe média que tinha de primeiro, hoje só tem a classe rica. A classe pobre é a derrotada, que somos nós, nós somos a caída de vez. O pobre é aquele que se considerava classe média, e aquele que era rico, continua cada vez mais rico por causa do pobre, porque se não fosse o pobre como é que ia existir o rico? Mas, eles não reconhecem isso. Então, a gente tem muito medo das pessoas ganharem dinheiro sem precisar de se sacrificar tanto. Eu mesmo, tem 43 anos que eu revendo gás, mais para ajudar o meu próximo que a mim mesmo.

**S. Quando a senhora chegou aqui na Leopoldina como que é que a senhora achava que era o bairro, a região?**

D. C. - Quando eu vim para cá eu achei melhor do que aonde eu morava porque tinha mais paz, não tinha a violência que tem agora, não existia a malandragem que tem agora. Tinha malandro, mas era malandro de andar de terno branco, de andar bem bacana, era malandro daquele que não

trabalhava. Tem poucos anos que começou a marginalidade, uns 20 anos que começou a cair mesmo de vez, de entrar o tóxico no meio das coisas, e aí veio a violência mesmo para as comunidades, mas antes era muito sossegado. Aí, eu achava que ali estava bom. Mas não tinha água, não tinha luz, era ruim por isso. Lá no Maracanã, aonde eu morava, tinha água, tinha luz, tinha até os tanques para a gente lavar roupa. Quando eu cheguei, foi num sábado, aí na segunda-feira tive que enfrentar uma fila de lata, para apanhar água. Eu tinha duas latas, levei lá para a fila, levei de 2 horas da tarde até 8 horas da noite, para apanhar aquelas duas latas. Enchi as latas, levei uma para casa e deixei a outra. Quando voltei não tinha mais lata, tinham levado tudo, aí foi um sacrifício terrível, eu chorei a beça.

Era num tempo que tinha uma novela que se chamava "Serra Brava", novela de rádio. Quando cheguei em casa fui acender o rádio, cadê a luz? A fase (elétrica) era tão fraca que parecia um cigarro acesso. Aí, eu fiquei muito triste mesmo.

**S. A Senhora se lembra em que ano chegou a luz?**

D. C. - Nós só viemos a ter luz boa mesmo da Light quando veio a associação de moradores. Daí, nós fomos correr atrás da luz, da água e de alvenaria. Hoje em dia tem muita coisa na Merendiba, aonde a

gente mora, mas tudo depois que teve esse movimento popular lá. Quando eram as mulheres que trabalharam lá na associação, era só de mulher, elas tinham pique para correr atrás, começou a alfabetização para adultos, a fazer creche para as crianças, dar trabalho para as mães, foi uma maravilha aquela época. Tinha um Posto de Saúde que ficou três anos, pela (Faculdade) Souza Marques, esse posto de saúde faz uma falta terrível para aquela comunidade, ninguém pode trazer de volta este posto, porque não tem garantia nenhuma, porque palavra não passa de palavra, passa pelas pedras e não deixa nenhum arranhão, vai passando.

E continuei, criei meus filhos ali, andando, falando bem do Getúlio Vargas, que não existe hospital igual àquele, agora, vai ser uma coisa dividida. Mas pelo tempo que ele foi Getúlio Vargas, ele valeu muito para as comunidades. Depois que a Saúde ficou doente, é que ficou dessa maneira. Depois que saiu o Posto de lá. Porque, a gente fazia as pesquisas, juntava, levava os doentes, levava as histórias para o Dr. Paulo, e ele acolhia e passava para outro lugar que ele mandava. Mas depois que ele foi embora e acabou o posto as pessoas ficaram sem rumo.

**S. - Fale um pouco do Sementinha.**

D. C. - Vai fazer onze anos que começou esse Grupo. Quando começou, era a gente aprendendo a aplicar injeção, a verificar pressão, a ajudar as pessoas. Sabendo que está com a pressão alta, já sabemos fazer um chazinho. Ficar batendo um papo com aquela pessoa que tá com pressão alta, faz baixar a pressão, então a gente vai, tem uma conversa com aquela pessoa e ela melhora mais. Antes de ter o grupo, tínhamos de levar para o hospital, porque não sabíamos nem se estava com a pressão alta, porque nem verificava.

*A íntegra das entrevistas desta série pode ser consultada no Centro de Documentação das Condições de Vida da Leopoldina (Ced-Vida), mantido pelo CEPEL. Sobre a atuação do Grupo Sementinha, leia o "Guia do Bem-Estar - Um Trabalho de esperança", edição do CEPEL e da Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz*



*"Ficar batendo um papo com a pessoa que tá com pressão alta, faz baixar a pressão, então a gente vai, tem uma conversa com aquela pessoa e ela melhora"*



## RIO, O PARAÍSO ETERNO DAS EMPRESAS DE ÔNIBUS

A Câmara Municipal aprovou, em primeira votação, um substitutivo ao Projeto de Lei 30/95, que prorroga por 20 anos as concessões das linhas municipais de ônibus. A notícia, que está no "Jornal do Brasil" (19.06.98), diz que com o novo substitutivo, as concessões já existentes no transporte serão estendidas por 10 anos e poderão ser prorrogadas por mais 10. Além disso, as demais concessões continuarão válidas por pelo menos cinco anos após o vencimento, tempo considerado necessário para que as empresas se organizem para uma nova licitação. Se a oposição não conseguir obstruir a votação deste privilégio, a lei poderá entrar em vigor imediatamente após mais uma votação e sua publicação no Diário Oficial.

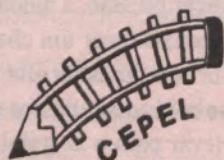
Este é mais um movimento feito para confirmar a dominação do transporte público do Rio de Janeiro pelas empresas de ônibus, em detrimento dos outros meios de transporte de massa, como o ferroviário, cuja degradação é o tema da matéria da página central desta edição.

## AUMENTA O NÚMERO DE CASOS DE AIDS NAS MULHERES

Está na "Folha de São Paulo" (20. 06. 98): "Do total de casos de Aids notificados até hoje no país, 22% ocorrem em mulheres, 3,5% deles em menores de 13 anos. Em 1985, apenas 3,8% dos casos notificados eram de mulheres. Em 1997/98, esse percentual subiu para 29,5%. A relação homem/mulher de casos também mudou completamente. Ela passou do recorde de 25 casos de Aids em homens para cada mulher, em 1985, para 2 para 1 em 1997/98. Se observarmos apenas as mulheres menores de 13 anos, essa relação é hoje de 1 para 1. Em 1985, essa relação era de 5 meninos para 1 menina doente."



## CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA LEOPOLDINA



Rua Uranos 1496, sala 401

Tel/ Fax: 590 1998

E. Mail: ongcepel@ax.apc.org

Olaria - Cep: 21060 070

Rio de Janeiro

## DESEMPREGO E CAMPANHA PRESIDENCIAL

O recorde do número de brasileiros desempregados está virando o principal tema da campanha presidencial deste ano, os mesmos brasileiros que estarão nas urnas em outubro. O percentual do desemprego, que em 94 era de 5,5%, chegou a 8,2% da força de trabalho do país em março, o segundo pior índice já registrado pelo IBGE. Nestes quatro anos, a economia do país passou a funcionar mais lentamente, adaptando-se à crise global da economia. Em 95, o país cresceu 5,9% do Produto Interno Bruto (medida das riquezas produzidas). Em 98, o crescimento da economia ficará entre 1,5% e 2% segundo as previsões mais otimistas.

(Folha de São Paulo, 21. 06. 98)

## DIMINUI A ÁREA PLANTADA NO PAÍS

O estímulo governamental à produção agrícola voltada para a exportação e a facilidade de importação de produtos essenciais para a alimentação provocaram a redução de mais de dois milhões

de hectares em lavouras de arroz, algodão

e soja, eliminando mais de 400 mil

empregos. A conclusão é de um

estudo feito por economistas da

Fundação Getúlio Vargas, publicado pelo

jornal "O Globo" (07. 06. 98). O trabalho mostra

que, entre 95 e 97, a área plantada de arroz

caiu 8,1%. A área de algodão, caiu, entre 90

e 94, 33,9%, provocando a redução 69,9% da produção dessa matéria-prima para a indústria têxtil e a dispensa de 260 mil trabalhadores do setor. No cultivo do trigo, a área de lavoura foi reduzida em 24,3%. Segundo o estudo, toda essa redução faz o Brasil deixar de ganhar R\$ 4,5 bilhões por ano.

## CESTA BÁSICA SOBE MAIS QUE A INFLAÇÃO

Nos primeiros cinco meses do ano o custo da cesta básica subiu 5%, ou mais que o dobro da inflação. O item que mais subiu foi o feijão, que aumentou mais de 20%. A variação dos preços da cesta básica é feita pela Associação dos Supermercados do Rio. Ela é composta de produtos essenciais para os trabalhadores, com itens distribuídos entre alimentos, limpeza e higiene. A pressão maior para o aumento do custo da cesta em 98 foi registrada em maio com as altas de arroz (17,4%), feijão (14,7%) e queijo (8,1%). Em relação a maio de 97, a cesta está 9,5% mais cara. (Fonte: "O Globo", 07. 06. 98)

IMPRESSO

SE  
LIGA  
NO

Sinal

Se você gostou do SINAL, faça uma assinatura, Você estará contribuindo para a continuidade deste trabalho. Assinatura anual R\$ 10,00

NOME: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

TEL: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_